

ARTIGO | PAPER

OS “AJUNTADORES DE MEMÓRIA” E A MANUTENÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E CULTURAL EM COMUNIDADES DO MÉDIO SOLIMÕES - AMAZONAS.

“GATHERES OF MEMORIES” AND THE MAINTENANCE OF ARCHAEOLOGICAL AND CULTURAL HERITAGE IN COMMUNITIES IN THE MIDDLE SOLIMÕES - AMAZONAS.

Geórgia Layla Holanda de Araújo ^a

Anderson Márcio Amaral Lima ^b

Maurício André da Silva ^c

Erêndira Oliveira ^d

Eduardo Kazuo Tamanaha ^e

^a Arqueóloga e Preservadora Patrimonial no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM, vinculada ao Grupo de Pesquisa em Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia; Mestranda no Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural – PPGDS, Museu Paraense Emílio Goeldi. archeolayla@gmail.com. Pesquisa realizada com apoio financeiro do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI, gerenciada pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM.

^b Arqueólogo no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM, vinculado ao Grupo de Pesquisa em Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia; Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural – PPGDS, Museu Paraense Emílio Goeldi. kawayba@gmail.com

^c Arqueólogo, historiador e educador no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia pela mesma instituição. Pesquisador colaborador no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. mauricio.andre.silva@usp.br

^d Arqueóloga, pós-doutoranda no Museu Paraense Emílio Goeldi. Mestra e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Pesquisadora colaboradora no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. erendira.oliveira@gmail.com

^e Arqueólogo e historiador no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM, coordenador do Grupo de Pesquisa em Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia; Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. eduardo.tamanaha@gmail.com

RESUMO

No interior da Amazônia é muito comum encontrar objetos arqueológicos em áreas de uso cotidiano, como em moradias e roças, reunidos em coleções domésticas por moradores de áreas rurais. Nossa experiência de pesquisa na região do Médio Rio Solimões, especialmente em áreas de proteção ambiental, como Unidades de Conservação de Uso Sustentável, nos levou a pensar nestas pessoas como “ajuntadores de memórias”, pois vivem há gerações sobre os sítios arqueológicos, atuando para a salvaguarda desse patrimônio. Este artigo visa destacar a importância da arqueologia colaborativa entre comunidades tradicionais do Médio Solimões, para evidenciar os múltiplos atores relacionados com esses vestígios, bem como os impactos de seus sistemas de saberes na preservação e compreensão do patrimônio arqueológico. As interfaces estabelecidas entre comunidades e pesquisadores, têm resultado na fruição de conhecimentos relativos aos modos de vida das populações amazônicas na longa duração, sendo estes ajuntadores de memórias os fiéis depositários do patrimônio cultural e da memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Ajuntadores de memórias, Arqueologia colaborativa; Comunidades tradicionais; Médio Solimões

ABSTRACT

In the interior of the Amazon, archaeological artifacts are frequently encountered in everyday settings, such as households and agricultural fields, where they are often collected and curated by rural residents into household collections. Our research in the Middle Solimões region, particularly within environmental protection areas such as Sustainable Use Conservation Units, has led us to conceptualize these individuals as gatherers of memories. Having inhabited these archaeological landscapes for generations, they play a crucial role in safeguarding and transmitting this heritage. This article examines the significance of collaborative archaeology with traditional communities in the Middle Solimões, emphasizing the diverse actors engaged with these material remains and the impact of their knowledge systems on the preservation and interpretation of archaeological heritage. The interactions between local communities and researchers have facilitated a dynamic exchange of knowledge concerning the long-term histories of Amazonian populations, positioning these gatherers of memories as key custodians of cultural heritage and collective memory.

KEYWORDS

Gatherers of Memories; Collaborative Archaeology; Traditional Communities; Middle Solimões

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ARAÚJO, Geórgea Layla Holanda; LIMA, Anderson Márcio Amaral; SILVA, Maurício André; OLIVEIRA, Erêndira; TAMANAHA, Eduardo Kazuo. Os “ajuntadores de memória” e a manutenção do patrimônio arqueológico e cultural em comunidades do Médio Solimões - Amazonas. *Cadernos do Lepaarq*, v. XXIII, n. 43, p. 157-176, Jan-Jun, 2025.

Introdução

Quando falamos sobre pesquisa arqueológica na Amazônia brasileira, imediatamente pensamos nas sofisticadas cerâmicas marajoara, tapajônica e da Tradição Polícroma da Amazônia (Alves 2019; Amaral 2024; Barreto 2009; Green 2016; Nobre 2017; Oliveira 2022; Schaan 1997, 2001). Além disso, o estabelecimento de um senso comum sobre a Amazônia como uma região pobre em recursos e com comunidades limitadas em termos de desenvolvimento sócio-cultural, esteve muito relacionado à leitura de investigadores estrangeiros, sobretudo no campo da Arqueologia (Holanda & Amaral 2023). Fora do contexto amazônico, as pessoas também possuem uma visão estereotipada e romantizada desse território e suas populações, complexificando as decisões políticas, sociais e econômicas, que muitas vezes ocorrem no eixo sudeste.

Durante muitas décadas, pouco protagonismo foi fornecido às populações tradicionais e comunidades indígenas, que habitam milenarmente áreas com sítios arqueológicos e são detentoras de saberes e conhecimentos ancestrais. Esse processo de invisibilização dos coletivos humanos refletia as bases teórico-metodológicas que orientaram as primeiras décadas de pesquisa sistemática na Amazônia até o final dos anos 1990 e início dos 2000. Após esse período elas passam a ser influenciadas pelas correntes pós-processualistas, pela chamada Arqueologia Pública e posteriormente pelas arqueologias colaborativas, e iniciam um momento de transição e a incorporação gradual destes diferentes atores (Schaan 2007; Green 2016; Silva 2000; Bezerra 2003; Carneiro 2009; Silva, 2015).

Entretanto, permanece a negativa do estado em garantir os direitos das comunidades tradicionais na Amazônia, incluindo seu patrimônio cultural e seus territórios ancestrais, que frequentemente estão situados sobre sítios arqueológicos. Apesar da lentidão e inação do governo brasileiro, esses indivíduos continuam bravamente batalhando para preservar sua herança cultural e desenvolvendo estratégias contracoloniais que assegurem seus territórios e modos de vida (Amaral et al, 2020). Bispo dos Santos (2023), em sua proposta contracolonial, fundamentada em sua experiência e memória com a terra, indica que o caminho não se dá por meio da oposição entre "nós" e "eles", em um pensamento binário, mas sim por meio de um pensamento fronteiriço. A humanidade e o humanismo, forjados no Ocidente, estão presentes, segundo ele, e a ideia central é estabelecer um relacionamento por meio das fronteiras, pois estas representam um território movediço, elástico e sempre em movimento circular, sem dualidades ou binarismos.

As últimas décadas de pesquisa arqueológica na Amazônia têm ampliado os estudos colaborativos, por meio de ações que passaram a se atentar às superfícies dos sítios e aos diferentes agentes que as habitam. Conforme destaca Bezerra (2018), nos sítios arqueológicos da Amazônia, a superfície é um espaço onde materiais, objetos e outras "coisas" emergem, transbordam, escapam, sendo vividas e aprendidas de diversas maneiras pelas populações locais. Segundo a autora, a forma como essas populações imaginam e se relacionam com esses vestígios conecta diferentes tempos e, por isso, deve ser considerada e incorporada às pesquisas arqueológicas. Nesta linha, citamos trabalhos importantes como as pesquisas colaborativas com e feitas por

indígenas (Silva, 2000; 2023; Cabral, 2014a, 2014b; Rodrigues 2022; Wai Wai 2022); com comunidades tradicionais e ribeirinhas (Machado 2009; Silva 2022; Gomes, 2016), entre tantas outras que tem ajudado a alargar o modo de fazer arqueológico na Amazônia, assim como as categorias centrais para este campo como patrimônio, sítio arqueológico, cultura material, entre outras.

Assim, compreendemos uma atual expansão dos estudos colaborativos na Amazônia, certos de que cada vez mais diferentes atores e epistemologias serão integrados aos processos de produção de conhecimento, desde uma perspectiva contracolonial, em um movimento de dentro para fora, arrefecendo a influência hegemônica do pensamento ocidental sobre os modos de pensar amazônico (Amaral, 2024). Soma-se a este movimento, a popularização e o maior acesso a programas de pós graduação em universidades públicas na Amazônia, e a consequente formação das(os) primeiras(os) arqueólogas(os) e antropólogas(os) de origem indígena, ribeirinha e quilombola (Wai Wai, 2017 e 2022; Tukano, 2021; Munduruku, 2022; Rodrigues, 2022; Wai Wai, 2019; Wai Wai, 2018; Pinto, 2023a; Pinto, 2023b; Felix, 2024).

Desta forma, este artigo apresenta, a partir de diferentes pesquisas realizadas com os povos da floresta na região do Médio Rio Solimões, no Amazonas, o enfoque voltado às comunidades locais e sua contribuição para a gestão do patrimônio arqueológico. Tais investigações se desenvolvem com o apoio do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), em Unidades de Conservação (UC) de Uso Sustentável e seus entornos. Ao longo desses estudos, valorizam-se os saberes e as experiências de vida dessas populações com a noção de “ajuntadores de memórias”. O artigo está dividido em duas partes, a primeira contextualiza a nossa atuação na região do Médio Solimões e a segunda enfatiza as pesquisas arqueológicas com as pessoas do presente e a noção de “ajuntadores de memórias”.

1- Surgimento do núcleo de arqueologia desenvolvida pelo IDSM

A pesquisa arqueológica no IDSM teve seu início em 2001, motivada pela solicitação dos moradores da comunidade de Boa Esperança, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDS Amanã), que no processo de formação da comunidade a partir da década de 1980, notaram a presença frequente de artefatos arqueológicos nas proximidades de suas residências e áreas de cultivo, sendo estes objetos eventualmente “ajuntados”¹ e guardados, (Costa 2008; Costa 2012). A presença de materiais arqueológicos e suas múltiplas relações com as populações do presente antecede a presença de especialistas da arqueologia e mobiliza variadas ações, como a apropriação, guarda, estranhamento e a inserção desses materiais em sistemas próprios de significação (Silva, 2022).

Em 2006, o IDSM lançou seu programa de pesquisas arqueológicas no Médio Solimões, com o objetivo de atender a novas demandas relacionadas à conservação do patrimônio arqueológico. Com esse programa, foi estabelecido um núcleo de arqueologia dentro da instituição, que incluiu um laboratório e uma reserva técnica dedicados à pesquisa e à salvaguarda das coleções

¹ A expressão ajuntar é a maneira como ribeirinhos expressam o ato de juntar coisas, guardar.

arqueológicas.

Tais coleções foram formadas a partir de doações, levantamentos extensivos e escavações sistemáticas realizadas em projetos de pesquisas acadêmicas desenvolvidas de maneira participativa, especialmente nas RDS Amanã e Mamirauá² (**Figura 1**), assim como na Floresta Nacional de Tefé (FLONA Tefé), onde o laboratório de arqueologia tem atuado mais efetivamente nos últimos anos. (Silva, 2022, Lopes, 2018 e 2024, Oliveira, 2016 e 2022, Belletti, 2015; Marinho, 2022; Colares, 2024; LIMA, 2022; Gomes, 2015 e 2022; Costa, 2012).



Figura 1: Registro efetuado durante o levantamento extensivo de sítios arqueológicos realizado na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Fotografia Geórgea Holanda, 2019.

Nesse sentido, destacamos esse modelo de UCs, que une a presença humana à conservação ambiental. Esses territórios ancestrais, ricos em sítios arqueológicos e povoados por comunidades tradicionais, além de contribuírem para a conservação da natureza e seu desenvolvimento, possibilitam à arqueologia realizar o mapeamento e o gerenciamento dos sítios identificados de forma colaborativa, e sobretudo conhecer e dar visibilidade a outras formas de nomear a relação das pessoas com o patrimônio arqueológico.

Uma das vertentes de investigação arqueológica colaborativa realizada pelo núcleo de arqueologia do IDSM e seus associados, busca gerar discussões e aprimoramentos sobre a relevância das interações entre o conhecimento ancestral dos povos da floresta e a pesquisa arqueoló-

² É relevante mencionarmos que o modelo de Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) teve início no estado do Amazonas com a experiência pioneira da RDS Mamirauá, localizada no Médio Solimões, por meio de um trabalho de base conduzido por cientistas que identificaram, nas comunidades e em seus saberes tradicionais, parceiros essenciais para a conservação. Assim, conciliavam-se tanto os interesses científicos quanto às demandas das populações locais.

gica. Este é um movimento investigativo em um fluxo contínuo que se estende a outros centros de pesquisa como Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), compondo redes de conhecimentos que operam de dentro para fora a partir de uma perspectiva regional (Amaral, 2024).

Essas interações promovem comunicações mais frequentes e eficazes entre a pesquisa formal e comunidades situadas sobre sítios arqueológicos, ampliando as ações de gestão e salvaguarda deste patrimônio a partir de seus detentores. São, portanto, esses ajuntadores(as) da memória agentes de extrema importância para a preservação do patrimônio arqueológico. (**Figura 2**).



Figura 2: Seu Ciríaco Silva, morador da Comunidade Fazendinha realizou salvamento comunitário de urnas funerárias contribuindo com preservação e manutenção do patrimônio cultural, ampliando o conhecimento arqueológico das áreas de ocorrência deste tipo de vestígio, antes considerado restrito a contextos de terra firme do Lago Tefé. Fotografia Miguel Monteiro/ASCOM IDSM, 2024.

Ao longo dos últimos anos de pesquisas, foram estabelecidos diálogos com as comunidades tradicionais, que integram diferentes produções acadêmicas como as de Costa 2008, Costa et.al 2012; Gomes 2015; Furquim 2015; Lima 2016; Belletti 2015; Tamanaha et al, 2015; Lopes 2018; Silva, 2022 e Oliveira, 2022, Holanda et.al 2023. A partir dessas relações, são incorporadas diferentes formas de compreensão e significação da paisagem circundante, destacando as áreas de terra preta arqueológica, lidas desde uma relação com os “cacos de índios”, corriqueiramente encontrados nas áreas de roçados e marcadores dos territórios tradicionalmente ocupados. Todas as pesquisas realizadas sempre foram atravessadas pela vivência e atuação com as comu-

nidades locais, direcionando os trabalhos e abrindo a prática para a participação das pessoas e seus saberes.

Essas pesquisas desenvolvidas pelo IDSM têm contribuído para o mapeamento e gerenciamento dos sítios arqueológicos em áreas de proteção ambiental, mas, sobretudo, para criar outras semânticas sobre a compreensão das pessoas em relação aos objetos arqueológicos. Por exemplo, devido às relações de compadrio local e ao movimento de autoajuda, que passou a conformar um novo momento na vida das famílias de forma comunitária a partir dos anos de 1980, também foi possível entender a noção de objetos parentes (Silva; Lima; Tamanaha, 2023). Os objetos que afloram pelas comunidades são selecionados, apropriados em relações de aproximação com as histórias de vida do próprio grupo social, passando a se tornar membros da família em uma rede de cuidados e de histórias ativadas pelas memórias locais.

Gomes (2016) em sua atuação com moradores da comunidade de Boa Esperança, na RDS Amanã por exemplo, registrou como os vestígios cerâmicos do sítio arqueológico de quase trinta hectares e com mais de três mil anos de história era compreendido de muitas formas. As pessoas interpretavam que no passado a localidade era uma grande olaria de “índio”; os desenhos dos materiais da cerâmica polícroma tinham sido feitos por pinceis de índios; os grafismos eram uma linguagem que somente os índios sabiam ler; que os índios eram caçadores e os atuais moradores agricultores. Silva (2022) atuando posteriormente na mesma comunidade, mapeou que as pessoas interpretavam a importância dos cacos de índios abaixo da comunidade eram o cimento dela, pois impedia o processo de lavagem da terra com as chuvas; as cerâmicas milenares eram pedaços de panelas que as avós produziam na época dos seringais; uma parte significativa de materiais modelados foram selecionados por crianças como brinquedinhos e bichinhos e posteriormente foram incorporados à coleção da Rádio Comunitária a Voz da Selva, entre outras relações. O processo de apropriação dos vestígios e marcas arqueológicas é constante no contexto amazônico, enriquecendo o campo da gestão do patrimônio arqueológico.

Em 2023, pesquisadores da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), integrantes do Grupo de Trabalho Acervos Arqueológicos, no âmbito do VI Fórum de Acervos Arqueológicos realizado virtualmente, buscaram mapear as diferentes formas de colecionamento de objetos arqueológicos praticadas por diversas famílias no país. O grupo destacou a noção de coleções plurais, evidenciando diversas possibilidades semânticas relacionadas ao processo de guarda, como coleção doméstica, coleção comunitária, coleção afetiva, coleção familiar, coleção particular, tralhas de memória, agrupamento de coisas, coleção parente, coleção à margem do Estado, coleção não musealizada e coleção não institucionalizada³. Isso evidencia uma riqueza para o campo da gestão de forma colaborativa com distintos coletivos no país, nesse sentido trazemos por meio de pesquisas recentes no médio Solimões a noção de “ajuntadores de memória”.

Normalmente, o interesse pelo ajuntamento das cerâmicas arqueológicas surge na infância (**Figura 3**), levando à formação de coleções domésticas povoadas pelas chamadas “ca-

³ Esta discussão realizada pelo GT Acervos da SAB pode ser acessada no blog do coletivo, na Carta de Mobilização – V Fórum Acervos Arqueológicos de 2022. <https://acervosarqueologicos.wordpress.com/gt-acervos-sab/>

retas”, geralmente modelados cerâmicos em formatos zoomorfos, antropomorfos ou híbridos, que exercem um poder de encantamento (Gell 1992; Barreto 2009) por suas formas complexas e curiosas, assim como os objetos decorados, nomeados carinhosamente de materiais “pintadinhos”. São objetos que “aparecem” nos quintais e plantações, e configuram uma “reunião de memórias”, uma maneira “não planejada” de preservar o patrimônio, a história e a memória cultural da região onde habitam. Além das crianças, pesquisas têm identificado também professores com interesse pelos materiais arqueológicos, muitas vezes de forma intuitiva e sem uma formação especializada na área se tornam aliados do processo de gestão arqueológica (Silva, 2015).



Figura 3: Professora Antônia Rosilene Biático Mendes, conhecida como Rosinha da comunidade de Boa Esperança com a sua coleção parente, formada em conjunto com as crianças de sua família. Ela, quando criança, foi responsável pela formação da coleção arqueológica da Rádio Comunitária a Voz da Selva.

Fotografia Maurício André da Silva, 2019.

Em pesquisas mais recentes na região, percebemos uma outra denominação para este ato, os “ajuntadores de memória”, que são essas pessoas imersas nesses territórios ancestrais, que diante de suas práticas cotidianas são atravessadas pelas coisas arqueológicas que afloram e passam a estabelecer relações que ampliam as noções de preservação do patrimônio arqueológico. A expressão ajuntar é a maneira como ribeirinhos expressam o ato de juntar coisas, guardar. Esse processo também ativa diferentes memórias desses grupos sociais, que muitas vezes os reconectam com a afirmação ativa das suas próprias histórias em um movimento de alteridade, em detrimento das histórias indígenas de longa duração construídas pela arqueologia (Gomes, 2016). Por exemplo, as cerâmicas indígenas milenares encontradas na comunidade de Boa Esperança, na RDS Amanã, são lidas pelos mais velhos como pedaços de alguidar, uma tipologia

cerâmica muito comum produzida pelas pessoas na época dos seringais. Elas são as duas coisas ao mesmo tempo, reafirmando a noção da multitemporalidade dos territórios e dos objetos, em um tempo espiralado e não linear (Silva, 2022).

As coisas físicas, os objetos, não são documentos de partida, são fenômenos da natureza, são profissionais do campo da arqueologia, história, museologia, entre outras áreas que criam o campo documental (Meneses, 1983). Ou seja, as coisas arqueológicas, que estão inseridas na vida das comunidades ribeirinhas, não são operadas como documentos e, da mesma forma que nós arqueólogos, elas se inserem nas complexas relações da vida. Os “ajuntadores de memórias” imersos em suas experiências de vida como ribeirinhos, artesãos, agricultores também participam desse processo, pois selecionam objetos a partir de muitas perspectivas, que passam a operar como índices de relações de pertencimento com seu território, com suas vidas e suas memórias. Nesse sentido, esses objetos selecionados contribuem para a produção de mais memórias no presente, reafirmando relações de cuidado com o território. O que implica transformarmos as coisas em itens documentais, passíveis de serem pesquisados? Como essa camada dialoga com outros níveis de semântica dos objetos?

Na RDS Mamirauá, em outro extremo da Unidade de Conservação, observamos que, embora muitas comunidades realizem o “ajuntamento de memória”, oleiras (**Figura 4**) detentoras de conhecimentos milenares sobre as cadeias operatórias de cerâmicas, não conseguem passar esse ofício para os familiares ou para membros da comunidade, resultando no adormecimento do interesse na arte milenar de moldar o barro. (Holanda & Amaral, 2023).



Figura 4: Dona Maria, moradora da comunidade Monte das Oliveiras, oleira, nos mostrou o seu pote de barro com impressão de folhas na base. O objeto foi modelado por ela há cerca de 36 anos e guardado com cuidado dentro da sua casa. Fotografia Jociane Ramos, 2019.

O contexto de atuação da arqueologia em UCs de Uso Sustentável na Amazônia tem permitido não somente a identificação de centenas de sítios arqueológicos na região, mas o estabelecimento de relações importantes com a população local. Já foram realizadas pesquisas arqueológicas em mais de oito unidades de conservação e identificados mais de 350 sítios arqueológicos na região (Tamanaha et. al, 2019; Holanda, Amaral e Tamanaha 2023), sendo que poucos foram escavados. Essa problemática ainda passa por uma primazia do financiamento das pesquisas arqueológicas estarem direcionadas para o levantamento de sítios, sendo que pouco incentivo é destinado para projetos de longo prazo em uma mesma localidade. Ainda há na arqueologia um investimento na busca de novos dados em detrimento do fomento da relação com as pessoas. Portanto, os esforços da equipe de Arqueologia do IDSM têm se voltado à realização de pesquisas com as pessoas, garantindo sua continuidade.

2- Diálogos entre comunidades em áreas de conservação ambiental e seu entorno.

A preservação de bens e sítios arqueológicos entre as comunidades do Médio Solimões, não se limita às áreas de UC, integrando ações de outras comunidades, como Bom Jesus da Ponta da Castanha, localizado na Flona Tefé (**Figura 5**) que junto às demais comunidades do Lago Tefé e entorno, são influenciadas pelas pesquisas arqueológicas em desenvolvimento e pela formação de redes de sociabilidades mútuas ou de uma Arqueologia Parente, como defendido por Silva (2022), que estabelece vínculos e relações de reciprocidade entre coletivos locais e acadêmicos, em um processo integrado de produção de conhecimento, que se estende temporal e regionalmente.



Figura 5: Seu Juscelino (de amarelo), ajuntador de memória que ajunta pessoas, morador da Comunidade de Bom Jesus da Ponta da Castanha, localizado na Floresta Nacional de Tefé, mostrando os fragmentos arqueológicos que ele vem “ajuntando” ao longo do tempo. Esse momento afetivo ocorreu durante a etapa de campo realizada em seu quintal. Fotografia: Geórgea Holanda, 2019.

Outro exemplo que podemos citar, são os projetos de pesquisa colaborativa na Comunidade Boa Esperança, no lago Amanã, que se iniciam nos anos 2000 a partir de uma demanda local dos moradores diante do “surgimento” de um conjunto expressivo de urnas funerárias no seu território compartilhado, aflorando nos quintais, roças e caminhos utilizados cotidianamente. As pesquisas desenvolvidas na comunidade geraram uma série de trabalhos acadêmicos, voltados tanto à uma maior compreensão sobre a Arqueologia local, quanto à atuação fundamental dos comunitários no processo de preservação e gestão desse patrimônio (Costa, 2012; Furquim, 2015; Lima, 2022; Silva, 2022; Gomes, 2022). Vale ressaltar que o conhecimento ambiental e histórico dessas populações é essencial para soluções adequadas à preservação dos sítios arqueológicos, pois somente através da vivência deles que é possível compreendermos os diferentes fatores naturais e antrópicos que influenciam nas camadas arqueológicas, como as dinâmicas fluviais (enchente, cheia, vazante e seca), pluviais (período de maior ou menor chuvas), geomorfológicas (áreas que sofrem mais ou menos erosão natural), além de toda a história recente de ocupação e de modificação da paisagem (derrubada de áreas florestadas, construção de moradias, movimentação de terra, etc.).

Fora das áreas da UC, o padrão da existência de casas ribeirinhas sobre sítios arqueológicos se mantém, e com ele uma série de relações estabelecidas entre as pessoas e as “coisas” arqueológicas (Bezerra, 2013). São comuns as práticas de colecionamento e o estabelecimento de relações de afeto e de memória com esses objetos e contextos associados.

Foi justamente seguindo essas redes compartilhadas de conhecimento no médio Solimões que deu-se o registro de um conjunto de urnas funerárias da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA), descobertas em 2014 por moradores da comunidade de Tauary no Lago Tefé, durante a construção de uma escola de alvenaria. Tais urnas logo ficaram amplamente conhecidas, ocupando jornais e outras mídias de comunicação que exaltavam o passado arqueológico da Amazônia e a maestria tecnológica de seus habitantes (Oliveira 2022; Silva, 2024).

As relações com esta comunidade foram se estreitando, levando a uma etapa de escavação arqueológica em 2018 e ações de educação patrimonial. Notadamente, o interesse dos moradores locais tem levado ao estabelecimento de programas educativos, à produção de materiais paradidáticos e ao estreitamento das relações com o IDSM, atual detentor das urnas, onde os comunitários podem realizar visitas e participar de ações educativas. Nesse sentido, o grupo de arqueologia do IDSM lançou um material paradidático direcionado para professores, reunindo dados produzidos na região nos últimos anos, como uma forma de acesso à informação por parte das comunidades (Silva, Tamanaha, Lima, 2021)⁴.

Atualmente, parte das urnas resgatadas em Tauary estão sob a guarda provisória da UFO-PA, integradas a uma série de pesquisas inovadoras no âmbito do curso de graduação em Arqueologia, com métodos interdisciplinares que procuram ampliar os estudos em Arqueotanatologia, de padrões e comportamentos funerários e de aspectos de conservação e salvaguarda

⁴ Versão em pdf. do livro paradidático. <<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/699>>

destes materiais, destacando também suas dimensões sensíveis e simbólicas (Marinho, 2022; Colares, 2024; Ruiz, 2024).

Mais recentemente, entre 2018 e 2023, novas pesquisas de campo colaborativo possibilitaram identificar e registrar contextos funerários com urnas cerâmicas estilisticamente relacionadas à Tauary, em locais distintos como na foz do rio Bauanas, um afluente do lado esquerdo do Lago Tefé, a margem esquerda do Rio Japurá e a margem direita do Rio Solimões. As urnas encontradas nestes locais, estavam nas localidades de Conceição do Furo e Fazendinha (**Figura 6**), município de Alvarães, ampliando consideravelmente a área de abrangência deste estilo cerâmico em sítios arqueológicos de terra firme e várzea.



Figura 06: Urna funerária pertencente à Tradição Polícroma da Amazônia encontrada em área de várzea por Kezia Silva e seus familiares. Fotografia Geórgea Holanda, 2024

As urnas funerárias encontradas na comunidade de Tauary estão classificadas arqueologicamente dentro de uma Tradição estilística chamada Tradição Polícroma da Amazônia, que conta com coleções arqueológicas identificadas em sítios deste a Amazônia Central, na confluência entre os rios Negro e Solimões e segue Solimões acima, até as fronteiras com Equador, Colômbia e Peru. Trata-se de um estilo de se fazer e decorar cerâmicas amplamente distribuído na Amazônia entre os séculos VIII e XVII e com uma linguagem iconográfica emblemática, com pinturas em preto e vermelho sobre branco e a presença significativa de urnas funerárias antropomorfas (Oliveira 2022).

Uma característica comum entre os ajuntadores de memórias é encontrar artefatos arqueológicos, preservá-los e, somente após um período, entrar em contato com a equipe de arqueologia do IDSM para realizar a doação. Isso aconteceu com a família do Sr. Ciriaco Silva (**Fi-**

gura 7), moradores da localidade de Fazendinha. Sua filha Kezia Silva nos contou que encontrou urnas em seu quintal, dispostas uma ao lado da outra, após serem "lavadas pela chuva". Por curiosidade, ela e sua família realizaram o **salvamento comunitário** destes artefatos e as guardaram com a intenção de encontrar um profissional que pudesse esclarecer sobre a fabricação dessas urnas e sua relevância e utilidade. Quando voltamos à comunidade, Kézia declarou: "Isto era uma aldeia de antigamente!". Segundo suas palavras, "são potes de grande valor que não podem ser negociados, pois fazem parte da história do Brasil e dos nossos antepassados que viviam aqui antes de nós." (Kezia Silva, comunicação pessoal 2024).



Figura 7: Seu Ciriaco, Kezia e Ezequiel junto com o material salvaguardado por eles na Comunidade Fazendinha. Fotografia Miguel Monteiro/ASCOM IDSM, 2024

Organizamos uma etapa de campo que contou com a preciosa parceria de moradores da comunidade e tivemos o acompanhamento do Seu Ciríaco, que percorreu a área conosco, passando informações importantes sobre o processo de ocupação da região e do sítio. Ele acredita que nos potes encontrados estão os seus antepassados. Nessa ocasião, recebemos deles urnas funerárias⁵ que foram protocoladas junto ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) e indexadas ao acervo do laboratório. A partir de então, os encontros com as urnas passaram a ser encontros entre as pessoas do laboratório de arqueologia, seu Ciriaco e sua família (**Figura 8**). Mensalmente eles retornam à cidade de Tefé para resolver assuntos pessoais,

⁵ Os vasos cerâmicos de conotação funerária, relacionadas a Tradição Polícroma da Amazônia (TPA), têm como característica diagnóstica formas híbridas estilizadas de humano/animal, com as paredes externas engobadas de branco sobrepostas por pintura complexa executadas em vermelho, marrom, laranja, preto, amarela, etc., em associação a técnicas de incisões, excisões e modelagem. Um dos vasos, provavelmente, é uma tampa de uma das urnas funerárias, mas que aparentemente foi reaproveitado, tendo sido anteriormente uma urna.

seja para conversarmos, seja para almoçarmos na feira municipal, nos convidar para suas festas familiares ou para trazer a família para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos que vêm sendo realizados em laboratório com as urnas por eles encontradas, bem como, para solicitar a continuidade das pesquisas arqueológica e divulgação dos resultados.



Figura 08: Familiares do Seu Ciriaco Carsodo da Silva (Luana Ribeiro da Silva; Eluane da Silva Anaquiri; Andrenilson da Silva Anaquiri; Wenderson da Silva Anaquiri; Leandorson da Silva Anaquiri; Anderson Pinheiro Anaquiri; Samuel da Silva Benchimol; Emanueli da Silva Benchimol; Dávila Cristina da Silva Queiroz;) visitando o laboratório de arqueologia do IDSM. Fotografia: Miguel Monteiro/ASCOM IDSM, 2024.

Destacamos que as redes de sociabilidade cultivadas entre populações tradicionais e a pesquisa formal, têm desempenhado um papel de relevância na preservação do patrimônio arqueológico na região do Médio Solimões. Tais processos colaborativos não apenas ampliam o conhecimento arqueológico desta região como promovem a integração dos comunitários nos processos de produção de conhecimento, a partir da valorização das memórias locais e relações estabelecidas com os sítios, coisas do passado e paisagem associada. Compreendemos também que esses objetos arqueológicos são personagens importantes na construção de identidades coletivas e noções de pertencimento e construção de territórios patrimonializados, sendo a gestão compartilhada uma importante ação de reconhecimento destes agentes enquanto detentores desse patrimônio.

A ação de reunir/ajuntar fragmentos, coletar, doar e visitar os vestígios arqueológicos no acervo da reserva técnica do IDSM demonstra uma preocupação significativa destas comunidades com a conservação e proteção dos bens materiais, entendendo as instituições de pesquisa como agentes parceiros no processo de salvaguarda.

Também convidamos à reflexão sobre contextos em que se dão ações de escavação emer-

gencial por parte dos comunitários, como no caso das primeiras urnas encontradas na comunidade de Tauary. Neste contexto, a escavação emergencial foi realizada com a intenção de conservar as peças, encontradas na abertura de um fosso durante a reforma da escola municipal (Belletti, 2015). Ainda que a decisão pelo resgate das urnas tenha sido feita como uma ação emergencial, a equipe de arqueologia do IDSM foi prontamente comunicada e deslocada ao local para participar das tomadas de decisões sobre o destino das peças, bem como articular as demandas e expectativas da comunidade. Assim, a formação e manutenção dessas redes entre os diferentes agentes é fundamental para a proteção dos acervos e contextos arqueológicos, e para a valorização das diferentes relações estabelecidas com esse patrimônio.

Os exemplos mostrados até aqui evidenciam como as relações estabelecidas entre pesquisadores do IDSM e comunidades tradicionais têm sido fundamentais para o mapeamento (**Figura 9**) e conhecimento da arqueologia regional, bem como para a construção de ações compartilhadas de gestão deste patrimônio. As relações de confiança e reciprocidade estabelecidas em ambos os lados permitem a consolidação dessas redes de conhecimento e o fortalecimento de uma Arqueologia Parente (Silva, 2022), consciente da importância desses agentes para a salvaguarda do patrimônio cultural Amazônico e aberta a incorporar diferentes lógicas de interpretação, salvaguarda e proteção desses bens e territórios.

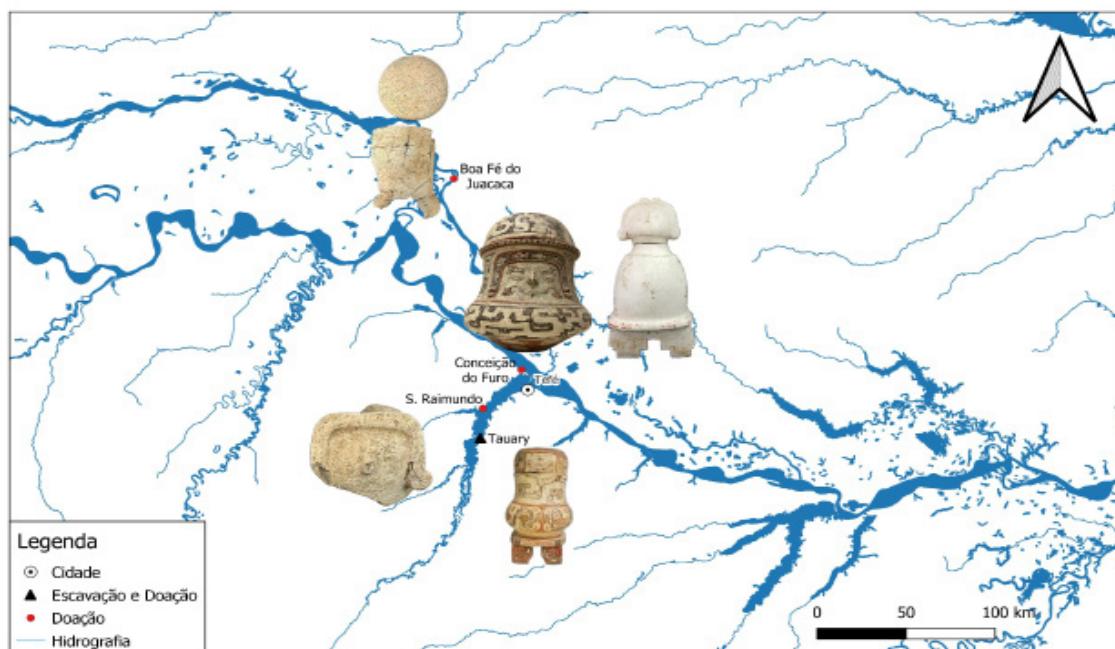


Figura 9: Mapa elaborado a partir de doação dos ajustadores de memória das comunidades: Tauary, São Raimundo do Meio, Fazendinha e Conceição do Furo e Boa Fé do Juacaca. Embora sejam caracterizadas como “descontextualizadas” o salvamento comunitário, amplia a pesquisa, expandido esse tipo de contexto para área de várzea. Mapa elaborado por Eduardo Tamanha. Fotos do mapa Geórgea Holanda, 2024.

Considerações Finais

O modelo de áreas de conservação ambiental de uso sustentável, além de permitir a proteção do meio ambiente, tem buscado mostrar ao mundo a possibilidade de comunidades conviverem de forma sustentável com a natureza. As pesquisas arqueológicas na Amazônia têm apresentado uma longa duração da presença humana, que remonta a 13 mil anos antes do presente (Neves, 2022). Entretanto, as transformações acarretadas pela lógica capitalista têm gerado impactos profundos nas relações entre coletivos humanos e ambientes naturais, desenhandando um futuro de possíveis transformações radicais na sociobiodiversidade.

A arqueologia praticada nos contextos de conservação, assim como em seus entornos, tem aprendido muito com o convívio com diferentes povos da floresta, como comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, que nos ensinam outras maneiras de ler e compreender as paisagens culturais e seus vestígios. Da mesma forma, essas pessoas têm se aliado ao hercúleo desafio da gestão do patrimônio arqueológico, como o caso dos “ajuntadores de memórias”.

Essa prática de ajuntar peças, que segue ocorrendo geração após geração, define agentes que não só auxiliam na preservação do patrimônio arqueológico, como se tornam protagonistas da história local, de sua comunidade ou região em que vivem. Da mesma forma, essas pessoas têm se aliado ao desafio da gestão do patrimônio arqueológico, como o caso dos “ajuntadores de memórias”. A parceria dos ajuntadores de memória com arqueólogas e arqueólogos promove a troca de saberes entre estes multiplicadores, e reverberam na educação familiar e escolar, trazendo um conhecimento local e contextualizado a realidade de seus moradores.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Marcia Bezerra de. O australopiteco corcunda: as crianças e a arqueologia em um projeto de arqueologia pública na escola. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ALVES, Marcony Lopes. Objetos distribuídos do Baixo Amazonas: um estudo da cerâmica Konduri. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- AMARAL, Márcio. Os Tapajó enterravam seus mortos? Reflexões sobre tratamentos funerários entre os Tapajó. Dissertação (Mestrado em Diversidade Sociocultural). Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém. 2024.
- AMARAL, Márcio; MORAES, Claude; SÁ, Mayara. Os discos perfurados do período Tapajônico: análise tecnológica e questões contextuais. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 15, n. 3, Belém, 2020.
- BARRETO, Cristina. Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga. 2009. 234f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2009.
- ARAÚJO, Geórgea Layla Holanda; LIMA, Anderson Márcio Amaral; SILVA, Maurício André; OLIVEIRA, Erêndira; TAMANAHÀ, Eduardo Kazuo. Os “ajuntadores de memória” e a manutenção do patrimônio arqueológico e cultural em comunidades do Médio Solimões - Amazonas.

- logia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BELLETTI, Jaqueline. Arqueologia do Lago Tefé e a expansão Polícroma. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BEZERRA, M. de A, 2003. O australopiteco corcunda. As crianças e a Arqueologia em um Projeto de Arqueologia Pública na Escola. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia MAE/USP-SP:
- BEZERRA, Márcia. O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. *Vestígios, Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte, UFMG, 2018. pg. 51-58
- BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista Arqueologia Pública*, v. 7, n. 1 [7], p. 107-122, 2013.
- BEZERRA, Márcia. Os Sentidos Contemporâneos das Coisas do Passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista Arqueologia Pública*, v.7, p.107 122, 2013.
- CABRAL, Mariana P. 2014. “E se todos fossem arqueólogos?”: experiências na Terra Indígena Wajápi. *Anuário Antropológico*, 39 (2): 115-132b.
- CABRAL, Mariana Petry. No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta. *Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 12, n. 2, p. 331-332, 2014a.
- CARNEIRO, Carla Gibertoni. Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- COLARES, Cristiane Nayara Jati. O Uso da Tomografia Computadorizada no Estudo de Urnas Funerárias Arqueológicas, Um Olhar Através das Urnas de Tefé-AM na Comunidade de Tauary. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2024.
- COSTA, Bernardo Lacale Silva da. Levantamento arqueológico na RDS Amanã. *Uakari*, v. 4, n. 2, p. 7-18, 2008.
- COSTA, Bernardo Lacale Silva da. Levantamento arqueológico na Reserva de desenvolvimento sustentável (RDS) Amanã: Estado do Amazonas. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- COSTA, Bernardo Lacale Silva da; RAPP PY-DANIEL, Anne. ; GOMES, J aquelina. ; NEVES, Eduardo. . Urnas Funerárias no Lago Amanã, Médio Solimões, Amazonas: Contextos, Gestos e Processos de Conservação. *Amazônica: Revista de Antropologia (Online)*, v. 4, p. 60-91, 2012.
- FELIX, Anne Caroline Simões. Paisagens encantadas: uma relação de humanos e nãohumanos nos aningais (*Montrichardia linifera*) de comunidades de várzeas do Baixo Amazonas (PA). Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2024.
- GELL, Alfred. The technology of enchantment and the enchantment of technology. In: Coote, J. e Shelton, A. (Eds.). *Anthropology, Art and Aesthetics*. Oxford: Oxford University Press, p. 40-63,

- GOMES, Jaqueline. Alteridades e Paisagens na Comunidade Boa Esperança, RDS AMANÃ (AM). *Teoria & Sociedade* (UFMG). v.24, p.92 - 114. 2016.
- GOMES, Jaqueline. Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a fase Caiambé da Tradição Borda Incisa. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GOMES, Jaqueline. Lugares-Tempos no Lago Amanã: Paisagens Arqueológicas e Habitabilidades Ribeirinhas Tese (Doutorado Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2022.
- GREEN, Lesley; GREEN, David R.; NEVES, Eduardo Góes. Indigenous Knowledge and Archaeological Science: the challenges of public archaeology in the Área Indígena do Uaçá. In: Indigenous Peoples and Archaeology in Latin America. Routledge, 2016. p. 179-199.
- HILBERT, Peter. Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.
- HOLANDA, Geórgea Layla; AMARAL, Anderson Márcio. Narrativas sobre o modo de vida dos povos amazônicos do passado e do presente em comunidades do Médio Solimões. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 18, n. 00, p. e023004, 2023.
- HOLANDA, Geórgea Layla; AMARAL, Anderson Márcio; TAMANAHA, Eduardo Kazuo. Existem ocupações recentes no interior do Amazonas?: Reflexões sobre o modo de vida em Tefé/AM. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 368–389, 2023.
- Lima, Helena P. Patrimônio Para Quem? Por Uma Arqueologia Sensível. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 17 (1): 25–38, 2019.
- LIMA, MÁRJORIE. Entrelaçando Histórias: antigas formas de habitar os lagos do Médio Solimões. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- LOPES, Rafael de Almeida. Diversidade na unidade: a Tradição Polícroma da Amazônia na História Indígena de longa duração do Médio Solimões (500-1900 d.C.). Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2024.
- LOPES, Rafael. A Tradição Polícroma da Amazônia no contexto do médio rio Solimões (AM). (Mestrado em Arqueologia) Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.
- Machado, Juliana Salles. Arqueologia e história nas construções de continuidade na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 4(1), 57-70, 2009.
- MARINHO, Karen Lorena Freire. Contextos funerários da tradição polícroma da Amazônia na região do Lago Tefé, Médio Solimões, Amazonas. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Arqueologia, Laranjeiras. 2022.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n. 115, dez. 1983, p. 103-117.
- MUNDURUKU, Aldilo Amâncio Caetano Kaba. Nopágo: histórias de Guerra Munduruku. Monografia (Graduação em Antropologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2022.

- NEVES, Eduardo. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. Ubu Editora, 2022.
- OLIVEIRA, Erêndira. *Estéticas da transformação: iconografia e estilo da cerâmica polícroma da Amazônia*. Tese (Doutorado Arqueologia). Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo. 2022.
- OLIVEIRA, Erêndira. *Potes que Encantam: Estilo e agência na cerâmica polícroma da Amazônia Central*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo. 2016.
- PINTO, Elaine dos Santos. *Arqueologia quilombola: os processos de ocupação em Murumuruba*. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2023b.
- PINTO, Rafaela dos Santos. *Estudar a história de um quilombo é uma forma de resistir: estudo de caso Murumuruba-PA*. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2023a.
- RODRIGUES, Francicleide Gomes. *Jaca e Paraná-Pixuna: arqueologia, história, memória e mapeamento colaborativo, no território tupinambá, Baixo Rio Tapajós/PA*. (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2022.
- RUIZ, Wellington Araújo. *Traços que contam sobre pessoas: uma análise da produção das pinturas das urnas funerárias de Tauary, Tefé-AM*. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2024.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.
- SCHAAN, D. *Into the labyrinths of marajoara pottery: status and cultural identity in an amazonian complex society*. In: McEwan, C.; Barreto, C.; Neves, E. G. (Eds.) *Unknown Amazon: Nature in culture in ancient Brazil*. Londres: British Museum Press, p. 108-133, 2001.
- SCHAAN, Denise Pahl. *A linguagem iconográfica da cerâmica Marajoara: um estudo da arte pré-histórica na Ilha de Marajó, Brasil, 400-1300AD*. Edipucrs, 1997.
- SCHAAN, Denise Pahl. *Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além-e apesar-das fases e tradições*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 2, p. 77-89, 2007.
- SILVA, Emerson Nobre da. *Objetos e imagens no Marajó antigo: agência e transformação na iconografia das tangas cerâmicas*. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SILVA, Fabiola Andrea. *As Tecnologias e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SILVA, Maurício André da. *Abordagens educacionais para uma arqueologia parente com comunidades tradicionais da RDS Amanã e da FLONA Tefé, Amazonas*. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

1992

- SILVA, Maurício André da. Encontro da comunidade de Tauary da FLONA Tefé, Amazonas, com os potes de antigamente, com a arqueologia e consigo mesma: o devir de um museu comunitário . Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 259–281, 2024.
- SILVA, Maurício André da. Memórias e histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, Maurício André da. TAMANAHA, Eduardo Kazuo. LIMA, Marjorie Nascimento. Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas da terra para lousa. 1. ed. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, v. 1. 120p., 2021.
- SILVA, Mauricio Andre; LIMA, Márjorie Do Nascimento; TAMANAHA, Eduardo Kazuo. A coleção arqueológica da Rádio Comunitária A Voz da Selva de Boa Esperança, RDS Amanã, Amazonas, histórias de uma coleção parente . Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 139–166, 2023.
- TAMANAHA, Eduardo Kazuo. AMARAL, Márcio. CASSINO, Mariana Franco. LIMA, Silvia Cunha. NEVES, Eduardo Góes. FURQUIM, Laura Pereira. LIMA, Marjorie. SILVA, Maurício André da. GOMES, Jaqueline. CARNEIRO, Carla Gibertoni. Diálogos e práticas arqueológicas. In: NASCIMENTO, Ana Claudeise Silva. MARTINS, Maria Isabel Figueiredo Pereira de Oliveira, GOMES, Maria Cecília Rosinski Lima, FERREIRA-FERREIRA, Jefferson, SOUZA, Isabel Soares de. FRANCO, Cae-tano Lucas Borges, SOUZA, Marília de Jesus da Silva (orgs). Sociobiodiversidade da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (1998-2018): 20 anos de pesquisas. Tefé, AM: IDSM, p. 152- 170, 2019.
- TUKANO, João Paulo Lima Barreto. Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.2021.
- Wai Wai, Cooni. A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do Presente. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2019.
- Wai Wai, Jaime Xamen. Arqueologia e história das aldeias antigas do rio Kikwo, Pará, Brasil. Monografia (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.2022.
- Wai Wai, Jaime Xamen. Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-mapuera (Pará, Brasil). Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2017.
- Wai Wai, Roque Yaxikma. Uma descrição etnográfica sobre os instrumentos musicais Wai Wai raatî. Monografia (Graduação em Antropologia). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2018.

Recebido em: 01/02/2025

Aprovado em: 23/04/2025

Publicado em: 23/06/2025